

## **SEÇÃO DE ENTREVISTAS**

*Por Mauro Petersem Domingues*

*Entrevista realizada com o Professor **Thimoteo Camacho** – doutor em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994) e pós-doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007). Atualmente é Professor associado da Universidade Federal do Espírito Santo e Membro de corpo editorial da Geografares (Vitória). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia Urbana. Atuando principalmente nos seguintes temas: Relações de Gênero, Universidade, Poder, Trabalho. Autor das obras: **Ensaio sobre Violência** (2003); **Cultura dos Trabalhadores e Crise Política: Estudo sobre o centro popular de cultura do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André** (1999); e **Mulher, Trabalho e Poder. O machismo na UFES** (1997).*

**SINAIS** - Professor, o Senhor construiu sua carreira como sociólogo se identificando com as lutas operárias e populares e, mais recentemente, com a discussão acerca da discriminação de gênero e da violência. Gostaríamos de começar essa entrevista perguntando acerca de sua vida antes do ingresso no curso de Ciências Sociais da USP em 1967. Quais aspectos de sua infância e juventude o Senhor entende que foram marcantes para suas escolhas posteriores de atuação política e profissional?

**TC** - Minha infância e juventude passaram-se na cidade onde nasci, Sant'Ana do Livramento/RS, na fronteira com o Uruguai, em 1940. Meus pais eram uruguaios e tenho dois irmãos mais velhos com dupla nacionalidade. Nem se pode dizer que sejam imigrantes, pois cresci ouvindo dizer que aquela fronteira não separava, mas unia os dois países. Isso foi importante e me marcou pelo resto da vida e hoje tenho consciência de ter forjado, nesse ambiente, a identidade de cidadão latino-americano. Assim, começava a se desenhar a postura que hoje assumo conscientemente: Cidadão da América Bolivariana, como é percebida por Simon Bolívar, José Martí, Che Guevara, hoje recolocada criativamente por Hugo Chaves como América Bolivariana e Socialista.

Minha origem de classe operária também foi decisiva nas opções político-ideológicas que acabei por assumir no nível consciente no processo de socialização e amadurecimento. Era tempo de Getúlio Vargas. Com a família ampliada aprendi a cultuar o Getúlio “pai dos pobres”, dimensão meio real, meio caricatural do líder da “Revolução de 1930”. Daí para o “Brizolismo” foi um passo. Mais tarde, já em Porto Alegre, apoiei e participei diretamente da “Legalidade”, movimento liderado pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, desde o Palácio Piratini, em 1961, defendendo o mandato legítimo do Presidente João Goulart, contra o “ensaio geral” golpista, um dos muitos que a História registrará, sob a batuta dos EUA.

Antes de vir para Porto Alegre, em 1962, trabalhei, como os demais 7 irmãos, em atividades as mais variadas possíveis e imagináveis: desde os 10 anos de idade fui entregador de marmita (“vianda”), balconista, aprendiz de marceneiro, vendedor de pastéis (feitos pela minha mãe) em praça de esporte de corrida de cavalos e jogo do osso (uma modalidade de jogo de azar que é jogado com o osso do tornozelo do gado vacum) e contrabandista, uma atividade para lá de legal, pois carregar mercadorias de Livramento para Rivera (Uruguai) e vice-versa faz parte do dia-a-dia. Diz o ditado da terra: “Na fronteira, quem não é contrabandista é filho de contrabandista”. Vale um destaque para uma ocupação que eu não tinha noção do que era: fui faxineiro em um bordel em Rivera, mas por muito pouco tempo, até meus pais, muito chocados, descobrirem que não era bem uma “casa de família”.

Fui o único, dos 8 irmãos (7 homens e apenas uma mulher) que conseguiu concluir o ensino fundamental. Isso por obra e graça da Igreja Episcopal Anglicana, que eu freqüentava com assiduidade e onde descobri a vocação para o sacerdócio. Uma bolsa de estudos em uma instituição de ensino da Igreja foi o atalho para continuar os estudos em Porto Alegre, já que em Livramento não havia o ensino médio. Passados alguns anos, depois de concluir o curso de Teologia, descobri que a “vocação” não era bem para o

sacerdócio, mas uma busca incessante pela justiça social. O meu destino seguinte seria o Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia da USP. Estava se consolidando a minha trajetória de Cristo a Marx.

*SINAIS - Sua experiência como aluno de graduação se deu naquele contexto de endurecimento da repressão desencadeado pela Ditadura Militar em nosso país. Sabemos que a USP foi uma das instituições fortemente atingidas por essa repressão. Gostaríamos que o Senhor nos falasse um pouco sobre sua experiência no curso de graduação em Ciências Sociais da USP, o clima intelectual e político da universidade, o relacionamento com os colegas e professores, a vivência desse momento tão difícil da vida nacional.*

**TC** - Sim, vivi todo aquele processo. Ingressei no Curso de Ciências Sociais na USP em 1967, durante a ditadura, mas antes do “golpe no golpe”, AI5, de 1968. Iniciei o curso na Rua Maria Antônia, de onde fomos expulsos, após a “batalha da Maria Antônia”. A repressão recaiu apenas sobre a universidade pública, já que esta defendeu a instituição privada contra os “agitadores comunistas”. A Faculdade de Filosofia foi transferida para o campus da USP, funcionando em condições precárias até a construção dos prédios definitivos. Logo viria a expulsão e o fechamento do Conjunto Residencial da USP (CRUSP). A partir de então, a repressão da ditadura tornou-se muito mais forte, evidente e explícita. Foram os “anos de chumbo” que se seguiram ao “golpe no golpe”, perseguindo, torturando, matando membros de setores significativos da sociedade que resistiam, sobretudo o movimento operário e seus sindicatos e integrantes radicalizados da pequena burguesia, representados pela UNE, por artistas e intelectuais.

Paralelamente ao curso, iniciei minha atividade de militância política clandestina, sendo forçado a assumir uma dupla identidade. Mesmo participando ativamente do movimento estudantil, a ação política era desenvolvida junto ao movimento operário, curso de formação política e iniciação à teoria marxista e socialista.

A despeito das dificuldades de sobrevivência e as obrigações decorrentes da militância clandestina, procurei tirar partido do aprendizado e do excelente nível teórico do curso de Ciências Sociais. Tive como mestres Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Marilena Chauí, Fernando Henrique Cardoso, José de Souza Martins, Fernando Novaes, Marialice Foracchi. Digo sempre que, se meu coração é gaúcho, minha cabeça é paulista, uspiana.

*SINAIS - Sabemos que nem sempre a profissionalização na área das Ciências Sociais é muito fácil para os egressos da graduação. Nos primeiros anos depois de formado, como se deu sua inserção profissional?*

**TC** - Foi muito difícil, duríssimo, principalmente o começo: pesquisa de mercado. Um horror! Significava a negação de tudo aquilo que estava aprendendo: trabalho precário e sem vínculos em instituições que costumam “arrancar o couro”, super-explorando uma mão-de-obra em formação. Marplan, J. W. Thompson, INESE e outras porcarias do gênero.

Depois vieram as aulas em cursinhos preparatórios para o vestibular, supletivos e no ensino médio de escolas públicas. Apesar da precariedade inicial, descobri, enfim, minha vocação. Estava começando a gostar da docência quando veio a prisão e o processo por “atividades subversivas”. Em 1975 ingressei no curso de Mestrado em Ciências Sociais (Sociologia) na UNICAMP e, então, tudo começou a melhorar. Na época, apenas a matrícula no curso de mestrado qualificava para ministrar aulas no ensino superior. Mas a guinada se deu após a abertura política, que permitiu o início do processo de redemocratização. Meu amigo e futuro orientador, Paulo J. Krischke convidou-me para ser seu assistente na Faculdade de Direito da PUC/SP, no começo dos anos 80. Começava, de fato, minha carreira acadêmica. Permaneci na PUC até 1991, quando vim para a UFES, onde se consolidou minha carreira: pude concluir o doutorado, que já iniciara na PUC e publiquei três livros, entre eles, a dissertação de mestrado e a tese de doutorado.

*SINAIS - Em sua dissertação de mestrado em Ciências Sociais na PUC-SP o Senhor tratou da experiência do CPC (Centro Popular de Cultura) do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André. Por que da escolha desse tema?*

**TC** - Responder a essa pergunta significa contar uma verdadeira novela. O golpe de 1º de abril de 1964, como ficou comprovado, foi projetado pelo Departamento de Estado dos EUA e pela embaixada daquele país, mas teve a colaboração e a conivência de setores locais (militares e civis). Três governadores participaram diretamente da conspiração que redundaria no golpe: Magalhães Pinto em Minas Gerais, Carlos Lacerda, no Rio de Janeiro e Adhemar de Barros em São Paulo. Este último estava sendo contestado, taxado de “governador banana” e, para mostrar serviço “pros homens”, inventou os “Guerrilheiros do ABC”. Tratava-se de um grupo de intelectuais, estudantes de esquerda e alguns sacerdotes (de que eu fazia parte) que faziam agitação política nas entidades de classe, nas associações de bairro e nas igrejas da região do ABC paulista. Distribuía o leite em pó e outras esmolas da “Aliança para o Progresso”, anunciando que “essa ajuda não correspondia nem a 10% do roubo do imperialismo do EUA”. Adhemar anunciou que se tratava dos perigosos guerrilheiros, montando uma farsa com a imprensa conivente, ao “descobrir” perigoso arsenal e coisas do gênero. Resumo da ópera: com apoio logístico do Partidão, vários integrantes do grupo saíram do país, só retornando após a Anistia.

Entre as atividades de agitação política do grupo estava a atuação cultural em sindicatos, sobretudo no Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André. Tive contato com eles antes e depois do exílio. Entre 1983 e 84, consegui reunir boa parte deles, realizando a pesquisa que serviu de base para a dissertação do mestrado. Foi um trabalho muito gratificante, que culminou com a publicação, sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Santo André, da dissertação (orientada por um dos integrantes do grupo, Paulo J. Krischke) com o título *Cultura dos Trabalhadores e Crise Política. Estudo sobre o Centro Popular de Cultura do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André*.

**SINAIS** - Logo após a conclusão do mestrado o Senhor ingressou no programa de doutorado em Psicologia Social na mesma PUC-SP trabalhando o tema das relações de poder e de gênero aqui na UFES. Qual a razão dessa mudança para a Psicologia? De onde lhe veio o interesse em estudar a relação de gênero e poder em nossa sociedade?

**TC** - Em princípio queria estudar o preconceito e por que tendências etnocêntricas das sociedades humanas transformam-se em ideologias machistas/sexistas, racistas, preconceito de classe, gerontológico, *chauvinismo*. Porém, minha inclinação e interesse pelo tema das relações de gênero vêm do tempo de estudante de graduação na USP, quando tomei conhecimento do movimento de mulheres, inclusive prestando apoio logístico à incipiente imprensa feminista, como *Brasil Mulher* e, principalmente *Nós, Mulheres*, grupo liderado por Raquel Moreno. Aprendi com as feministas Heidi Hartmann, Juliet Mitchell, Elisabeth Badinter, Andrée Michel, Marilena Chauí e Heleieth Saffioti que são três as perversidades básicas da sociedade capitalista contemporânea: *de classe, de raça/etnia e de sexo/gênero*. Pierre Bourdieu quando diz, inspirado em Virgínia Woolf, que “[...] os homens amam os jogos de poder e as mulheres amam os homens que os jogam...”, está anunciando a existência do *preconceito androcêntrico* e da *libido dominandi* que fundam a *Dominação Masculina*.

Fui introduzido nas leituras feministas mais elaboradas pela minha primeira orientadora do doutorado, Fúlvia Rosemberg. Mas foi sob a orientação de Sílvia Tatiana Maurer Lane, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da PUCSP, que concluí o trabalho de pesquisa que considero o mais importante da minha trajetória acadêmica e de pesquisador e que redundou na publicação do livro *Mulher, Trabalho e Poder: O machismo nas relações de gênero da UFES*, publicado pela EDUFES.

*SINAIS - Ao longo de seus anos de atuação na Universidade Federal do Espírito Santo o Senhor se destacou como um professor e orientador dedicado, conquistando o afeto e a admiração de muitos alunos. Como o Senhor vê a relação entre as atividades de professor, de pesquisador e de intelectual engajado na universidade onde o Senhor foi aluno e na atual, onde está prestes a se aposentar como professor?*

**TC** - Posso afirmar com toda a segurança, que me considero realizado profissionalmente e também em termos humanos e políticos. Entendo o ofício de professor, pesquisador e, principalmente orientador à moda de Florestan Fernandes e Pierre Bourdieu. Incorporo a identidade de um técnico de um esporte, um *treinador*. “É assim que eu faço, agora faz tu do mesmo jeito”.

A amizade e o afeto mútuo compartilhado com alunas e alunos foram marcas registradas da minha trajetória profissional. Nesse aspecto, tenho dividido com a minha companheira Luiza, em vários momentos em que fizemos de nossa casa e de nossa biblioteca uma espécie de extensão das nossas salas de atendimento.

A defesa intransigente da Universidade Pública, gratuita e de qualidade e obediência rigorosa ao contrato de dedicação exclusiva, sem nenhuma exceção, delinearam nossa atuação (minha e da Luiza) nos órgãos de deliberação acadêmica, na militância no movimento docente e principalmente no cotidiano da sala de aula. Procurando manter a coerência ético-profissional, sem descuidar das tarefas de sociólogo engajado, me aproximei com frequência dos sindicatos e dos movimentos sociais, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).